



24
Novembro
1923

Ilustração Portuguesa

2.ª SERIE

N.º 927

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SÉCULO»
Redacção, administração e officinas
RUA DO SÉCULO, 49 — LISBOA

Numero avulso, 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL
DE TIPOGRAFIA

Editor — ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E HES-
PANHÁ: Trimestre 13\$00, Semest. 26\$00
Ano 52\$00 — COLÓNIAS PORTUGUEZAS:
Semestre 28\$50, Ano 57\$00. — ESTRAN-
GEIRO: Semestre 36\$00, Ano 72\$00.

DENTES ARTIFICIAES

Extrações sem dôr, corôas
d'ouro, dentes sem placa.

R. EUGENIO DOS SANTOS, 35, 1.º



Venda em todas as Pharmacias

Representante em Portugal:
T. RODNEY HATHERLY

Deposito:
Rua Arco da Graça, 58-1.º
(ao largo de S. Domingos)

Lisboa



LOWRIE'S

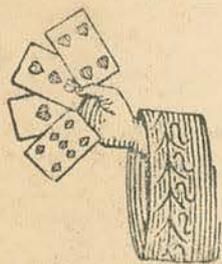
SPECIAL BLEND OF SELECTED MATURED
SCOTCH WHISKIES

PROPRIETORS

W.P. LOWRIE & CO. LTD

GLASGOW & LONDON.

M.ª VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no
passado e presente e
prediz o futuro.

Garantia a todos os
meus clientes: com-
pleta veracidade na
consulta ou reemb-
olso do dinheiro.
consultas todos os
dias uteis das 12 as 22
horas e por corres-
pondencia. Envia r
1\$00 para resposta da
carta.

Calçada da Patriar-
cal, n.º 2, 1.º Esq.
(ultimo da rua da Ale-
gria, predio esquina).

DOENÇAS

De estômago, baço, fígado e intestinos: artriticas,
nervosas e mentais; de ovários e útero e
rins descaídos; por mais graves e antigas que se-
jam, *responsabilizo-me da sua cura*, evi-
tando as operações, por meio dos meus especiaes
tratamentos *naturó-ossico-magneto-laró-*
cos, com a *completa* exclusão de medicamentos
ou drogas

Dr. Indíveri Colucci

Rua João Gonçalves, 20, 2.º Esq.

Esquina Avenida Almirant. Reis ao Intendente.
TELEFONE. 2.788-N.

Livros antigos e modernos
COMPRA E VENDE

Livraria Peninsular
79, Rua Poço dos Negros, 79
LISBOA — PORTUGAL

RELOGIOS DE PAREDE

Acabam de chegar da marca Soleil e
Radium. Despertadores de fantasia de
Babys. Fournituras e ferramentas para
relojeiros, ourives e gravadores.

GRANDE SORTIDO

Cotrins & Afonso, Ltd.

R. da Prata, 173--R. 31 Janeiro, 145
LISBOA PORTO

Bordados e Mobílias
DA ILHA DA MADEIRA
PEROLA DO ATLANTICO
Rua do Loreto, 67

Fornecedores dos Restaurants
da Companhia dos Wagens-lits

ARMAZEM DE VIVERES

JOSE DE PINHO COSTA & C.ª (F.ª), Ltd.ª

60, RUA DA BITESGA, 73
(Primeiro quarteirão vindo da Rua Augusta)

Especialidade em pastéis de Belem
e doces de Cascaes

LISBOA

Telephone C. 2861



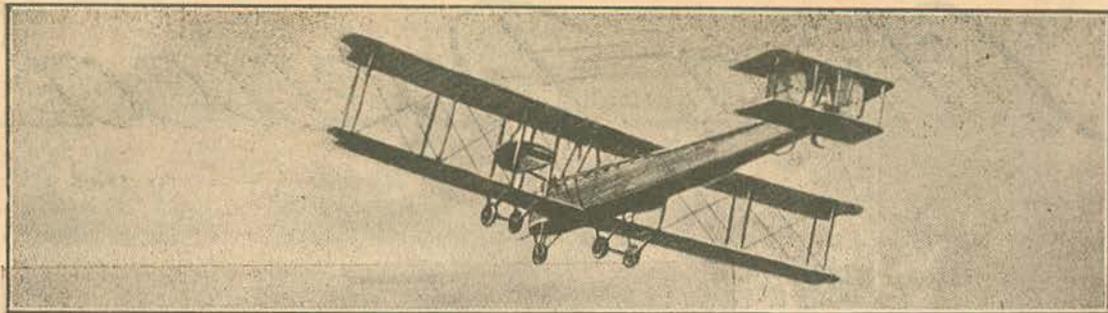
Corôas

Onde ha o mais chic
sortido e que mais be-
rato vende, por ter
fabrica propria, é na
Camelia Branca
L.ª D'ABEGOARIA, 30
(ao Chiado) - Telef 3270

A'S MÃES QUE CUIDAM da saude dos
seus filhos aconselhamos a
Farinha Lactea Cister, unico alimen-
to completo e que, pelo seu es-
merado fabrico aliado a modicidade
do seu preço, rivalisa com as es-
trangeiras. A venda em todas as
mercearias, farmacias e drogarias.
Pedir amostras aos depositarios:

BORGES MARQUES & C. L.ª

R. ARCO BANDEIRA, 159



TODOS OS "SPORTS"

NO ultimo domingo encontraram-se, no campo de Palhavã, para a disputa do Campeonato de Lisboa, as primeiras categorias do Carcavelinhos Foot-Ball Club e União Foot-Ball Lisboa.

Dos dois encontros o que mais interesse despertou no publico foi o primeiro, tendo muito contribuido para isso o jogo desenvolvido pelo grupo de Sete Rios, que fez uma boa exhibição.

O Internacional alinhou pela seguinte maneira: Jaime Pimenta, guarda-rêde; P. Amorim e Eduardo Pimenta, defesas; Ramon Padilla, Antonio Penafiel e António Lopes, meias-defesas; Paulo Couto, F. Avilez, Augusto Moreira, R. Barros e Emilio Burnay, avançados.

O grupo do Carcavelinhos estava assim constituido: J. Augusto, guarda-rêde; Carlos Alves e Antonio Ribeiro, defesas; Vicente da Costa, Filipe Duarte e Manuel Abrantes, meias-defesas; Duarte Ferreira, Alfredo Rodrigues, Carlos Canuto, Carlos Domingues e Manuel Rodrigues, avançados.

O primeiro grupo a marcar foi o Internacional, que o fez por intermédio de Augusto Moreira. Este jogador executou uma boa fugida, fortemente rematada, obtendo a primeira bola a favor do seu club aos dezoito minutos da primeira parte.

Coube depois a vez de marcar ao Carcavelinhos: Alfredo Rodrigues estabeleceu o empate aos trinta e cinco minutos de jogo, terminando o primeiro tempo com este resultado.

Começada a segunda parte o Carcavelinhos furou as redes do Internacional por duas vezes, a primeira num bom remate de Canuto e a segunda numa fugida do ponta esquerda. Este jogador deu-nos a impressão de e tar deslocado ao receber a bola.

O Internacional, por momentos desnorreado, assentou logo o seu jogo e aproveitou bem a marcação dum pontapé de canto, para obter a sua segunda bola.

Pouco antes do final do tempo, um minuto se tanto, Penafiel conseguiu estabelecer, novamente, o empate, colocando a bola, numa optima recarga, dentro das redes do grupo de Alcantara.

Bola ao centro e pouco depois o ponta esquerda do Carcavelinhos, marcou a bola da victoria.

Houve quem afirmasse que o arbitro sr. Ferreira da Cunha, do Sporting Club de Portugal, prolongara o encontro, sendo nesse tempo que o Carcavelinhos conseguira a sua ultima bola. Não obstante nos querer parecer que isso se deu, nada

podemos afirmar de positivo, por não termos prestado a devida atenção ao tempo de inicio da segunda parte.

Como acima dissemos o grupo que melhor jogo desenvolveu foi o Internacional, tendo-se, no entanto notado a sua evidente falta de treino, sem o que, podem estar absolutamente certos os jogadores de Sete Rios, nada conseguirão, não obstante as suas magnificas qualidades.

Dentre eles destacou-se pelo jogo coordenado e sereno, que executou, o meia defesa António Penafiel, o melhor dos jogadores em campo.

O Carcavelinhos jogou peor que de costume, principalmente no respeitante a remates.

A linha deste club apresentou contudo um ponto forte, a sua meia defesa, que trabalhou muito e com acerto.

— O jogo Portugal-União foi monotonico, não conseguindo interessar o publico.

O grupo do Portugal alinhou pela seguinte forma: Vieira Alves, guarda rede; Isaúl Reis e José Constantino de Sousa, defesas; Guilherme Pessoa Cota, João Francisco da Silva e António Vale, meias-defesas; José Bento Gonçalves, Anibal Cabrita, José de Matos, João d'Oliveira e Julio Pacheco, avançados.

O onze do União estava constituido por: Carlos Silva, guarda-rede; João Duarte e Claro Duarte, defesas; Antonio Peres, Julio Filipe e Engénio Pereira, meias-defesas; Heit r Ferreira, Mario Gomes Pereira, Silvestre dos Santos, José Alves e José Nunes, avançados.

Foi o Portugal, que primeiro marcou, a cinco minutos de jogo, após uma série de avançadas bem conduzidas, e rematadas pelo meio ponta esquerda.

Pouco depois o União estabeleceu o empate, numa oportuna recarga, efectuada pelo meia direita.

Este jogador conseguiu, poucos minutos passados, outra bola a favor do seu club, tambem numa recarga a um pontapé livre, aplicado contra o Portugal.

O Portugal estabeleceu logo o empate, na marcação duma grande penalidade contra o União.

Na segunda parte nenhum dos grupos conseguiu aumentar o seu score.

Do União salientaram-se: o guarda-rede, que teve boas defesas, a linha de defesas e o meia-direita.

Do Portugal os melhores jogadores foram: Isaúl, na defesa, e a linha de meia defesa; que foi a melhor em campo.

Clemente Guerra, do Casa Pia Athletic-Club arbitrou bem.



Os srs. José Tavares Bastos e José Balbino da Silva, avançado-centro e meia direita do Foot-ball Club do Porto, escolhidos por aquela cidade, para o 3.º Portugal-Espanha («Chiché» José Moreira).

D. C.

Silva Poetica

IDILIO

— Sempre me foges, ó Noite,
«Nunca te encontro um momento
«P'ra te falar d'êste amor
«Que por ti, bela, sustento.»

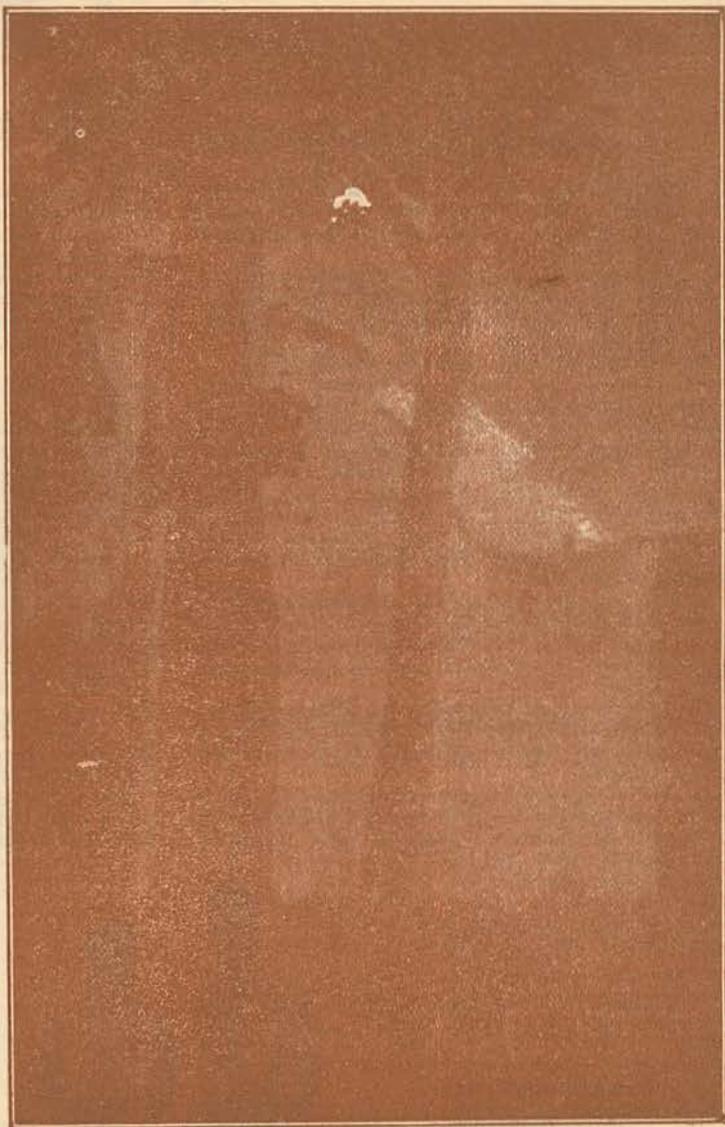
(Dizia o Dia, brilhante,
Cheio de luz de esplendor
Ao declinar, abatido
P'la força do seu amor).

«Ó que tristeza tamanha
«E que sofrer tão profundo:
«Sendo Dia amar a Noite
«Que nunca vejo no mundo.

«Assim a vida é custosa!
«Iluminar corações,
«Sentir que podem amar
«E abafar minhas paixões!...

«Que existencia! que tristeza!
«Nem ao menos posso ver
«A minha adorada Noite,
«A quem consagro o meu ser...»

(E o dia choroso morre,
Enquanto a Lua brilhante,
Beijando a Noite formosa,
Saúda o ceu sintilante.)



O LAR

BIBLIOTECA DO LAR

Elevamos às nuvens os poetas, falamos em voz baixa e reverente dos dramaturgos, curvamo-nos respeitosos ante os romancistas, mas dos humoristas pouco tratamos e se o fazemos é com um ar condescendente e algo desdenhoso, no entanto, é muito mais difícil fazer rir do que fazer chorar. Observem dois conversadores eméritos: um émulo de Heráclito, outro de Demócrito. Ao primeiro, bastará o assunto escolhido para nos arrasar os olhos de lágrimas: um drama de amor, um desgosto de morte, um rasgo de dedicação e as cordas do sentimentalismo piégas vibram; ao segundo é preciso talento porque por mais graça, por mais espírito que um qualquer episódio encerre, se for mal contado, o riso não brotará dos nossos lábios e murmuraremos cheios de tédio: «Mas que sensaboria, não tem graça nenhuma!»

O desdém pelo humorista provem talvez da concepção errada que se faz dele. Para o vulgo ele não passa duma espécie de palhaço que escolheu o mundo para arena das suas cabriolas; ora, essa ideia é absurda e o mais errônea possível, quem a tem ou não lê as obras humoristas ou se as lê, não as sabe sentir.

Baldensperger definiu assim o humorismo:

O Riso e a Lágrima encontraram-se uma noite na floresta, amaram-se porque não se conheciam e tiveram um filho que se chama: humorismo.

Como esta definição mostra claramente que para um escritor merecer, em verdade, o nome de humorista, tem de pôr sob a frase alegre e chocarreira um laivo dessa melancolia que acompanha até as maiores alegrias e uma certa filosofia risonha e suave. Lelam os seus trabalhos com atenção, escutem-lhe o eco das frases e verão que as últimas notas da gargalhada tem uma certa semelhança com o soluço.

Um nome me salta ao bi-

co da pena nome que todos nós conhecemos e que ilustra perfeitamente o que acabou de dizer: Bouboroche.

Ha tragedia maior de maior da que se sente latejar sob o ridículo dessa figura que faz rir a bandeiras despregadas os necios e que aperta o coração dos que sabem ver a lágrima sob o riso?

Courteline é exímio nesse genero.

Tem duas pequenas obras primas «Bouboroche» e as «Alegrias do regimento». Os ingleses possuem também um artista inegavel no genero. Jerome K. Jerome.

Todas as tecidas do sentimento são tocadas pelo seu riso habil: a nostalgia o desejo indefinível de felicidade, a perda das ilusões; as sombras, as nuvens, os farrapos de sonho que perpassam constantemente pela nossa alma, tudo isso nós assalta entre o titillar alegre da grisalhada da vara truanesca de Jerome. Nos seus livros «Os pensamentos de um ocioso» e os «Segundos pensamentos de um ocioso» o nosso riso pára de quando em quando, estupefacto ao sentir subir ao lado da gargalhada esufiante os passos mansos da sua irmã a lágrima.

A America envia-nos com o seu Mark Twain mais filosofia do que comção e melancolia.

Mark Twain espalha profusamente o riso, o riso ironico e sceptico; rindo, castiga e os mais altos problemas são atacados por uma verdadeira metralha de zombaria. Na sua melhor obra: «O principe e o mendigo» a sua graça, a sua ironia, toma aspectos de sarcasmo e sob a sua pena usualmente risonha sente-se a gravidade.

São figuras reaes que ali passam mascaradas pela fantasia e tão reaes são que se aponlaram a dedo na corte de Inglaterra.

Tenho citado até aqui só nomes estrangeiros, mas felizmente, não tem sido por pobreza nacional mas apenas porque um dever de hospitalidade a isso me induzia, visto a respeito de humorismo estarmos tão bem servidos como no estrangeiro. Falarei em primeiro lugar dos mortos: Gervasio Lobato não envergonharia qualquer paiz, a sua pena de caricaturista desenhou em traços inconfundiveis as figuras da nossa burguesia e todos nós devemos a sua observação minuciosa horas inextinguiveis de riso franco e alegre. Julio Cesar Machado nas suas crónicas e nos seus contos também tem jus á nossa gratidão e agora, entre nós dois nomes nós fazem sorrir imediatamente ao serem mencionados: André Brum e Chagas Roquete. André Brun nas suas numerosas obras possui todos os característicos do humorismo.

Ele é a personificação do filho da Dór e da Alegria. Ao percorrer as suas paginas nós sorrimos, rimos, sentimos internecemo-nos, comovemo-nos, e até choramos. Ele tem o espirito gaulês, a graça e o sentimentalismo portuguez.

Por mais saturada que esteja a sua pena em tin-



MENUS DA SEMANA

Dominico

Almoço

Erolhas á franceza
Bifes com batatas
Omolette Jurassene
Cacau

Jantar

Sopa de creme de alface
Goraz au gratin
Lingua refogada
Gelado de fruta

Segunda-feira

Almoço

Lentilhas salteadas
Lebre guisada
Café ou chá

Jantar

Sopa de creme japonês
Pastéis de carne
Feijão verde com molho branco
Galinha dourada
Bananas espumosas

Terça-feira

Almoço

Amêijoas á la minute
Gigot de carneiro com almondegas de batata
Café com leite

Jantar

Sopa á milanesa
Pescadinhos grelhados
Miosinhas de carneiro panadas
Salada de ngrões e rabanetes
Torta de maçã

Quarta-feira

Almoço

Linguas de carneiro na grelha
Pava rica com azeite e vinagre
Cacau

Jantar

Sopa á marinheira
Elios ao natural
Lombo de vaca assado com coues salteadas em manteiga
Pudim de frutas varias

Quinta-feira

Almoço

Bacalhau frito com cebolas
Carne fria
Omolette á oriental
Café com leite

Jantar

Sopa de almondegas salteadas
Pescada assada
Coelho á veneziana e esportos com molho
Filhós á Delfina

Sexta-feira

Almoço

Batatas á parisiense
Bacalhau com molho branco no forno
Chá ou café

Jantar

Sopa de farinha á alemã
Peixe recheado com carne
Carneiro guisado á presso com salada
Pudim de ovos

Sabado

Almoço

Pargo cosido com molho
Rins á burguezia
Cacau

Jantar

Sopa de ostras
Perdizes assadas na greha
Carneiro assado á alentejana
Creme de banana

CALENDARIO DA SEMANA

Novembro - 30 dias

- 25 - Domingo - S. Catarina d'Alex.
- 26 - Segunda-feira - S. Pedro Alexandrino.
- 27 - Terça-feira - S. Margarida.
- 28 - Quarta-feira - S. Gregorio.
- 29 - Quinta-feira - S. Saturnino.
- 30 - Sexta-feira - S. André.

Dezembro - 31 dias

- 1 - Sabado - S. Eloi.

DESCONFIEMOS...

Uma estrela americana de cinema, Miss Pippe Pow, lembrou-se de adoptar um extravagante penteado: repuxou os cabelos para traz e rapou toda a região frontal. Acha que esta moda lhe fica muito bem e aconselha a todas as mulheres que a sigam, afirmando estar persuadida que o tal penteado fará carreira. Conhecem V. Ex.^{as} a fabula da raposa, que caiu na ratoeira, deixando lá o rabo, nos seus esforços para fugir, querendo depois persuadir as suas congeneres que as raposas eram muito mais bonitas sem cauda... Miss Pippe Pow traz-nos á mente esta raposa...

... persuadir as suas congeneres que as raposas eram muito mais bonitas sem cauda... Miss Pippe Pow traz-nos á mente esta raposa...

VARIEDADE EM PONTOS DE RECORTE

Não ha ponto mais simples, mais rapido e que ao mesmo tempo dê melhor resultado para ornamentar do que o ponto de recorte. O seu encanto reside numa grande regularidade e na linha ser bem puxada sem contudo franzir o tecido.

Na nossa gravura numero 1, vê-se uma variedade de

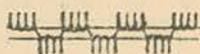


Fig. 1



Fig. 2

ponto que substitue com vantagem o vulgar recorte já bastante banalisado. A borda é a direito e os pontos variam de altura de forma a dar um efeito de piramide.

Uma outra bonita maneira de acabar o trabalho é fazer o ponto de casa em grupos de quatro pontos curtos ligados por uma linha. A figura n.º 2 mostra a forma de dispôr os pontos.

Esta guarnição enfeita muito as blusas e a roupa branca e pode fazer-se com qualquer numero de pontos empregando lá ou seda de cores vivas.

QUEM TEM A CULPA?

Ha muita gente que se indigna pelo facto da mulher moderna fumar.

Mas, quem tem a culpa? Os creadores da moda, que iniciaram os saquinhos de mão com uma algebeira especial para delgadas cigarreiras, acordando, assim, na mulher, sempre avida do aproveitamento, o desejo de utilizar essa dependencia do seu saquinho.

Portanto, é justo que os indignados voltem a sua ira contra os inovadores e não contra a mulher, que apenas mostrou virtudes domesticas de economia e arranjo muito aproveitaveis.

PENSAMENTOS

Reflecte que o corpo disse um dia á cabeça: O' cabeça, possa a razão ser sempre a companheira do teu cerebro.

Abon'kasim Firdonsi.

E' o homem vil que chama vil á mulher; o vicio é por demais boçal para poder comprehender o que não vê em si proprio.

Tennyson.

tas caricaturas encontram-se sempre um livro de ternura e saudade. Saudades de quê? Não sei. Talvez saudades dos reinos da Alegria, do Riso, do Amor, que existiram neste mundo quando aqui moravam as fadas e os genios.

Citar-lhe os livros? Valerá a pena? qual de nós não os conhece? Eis tres dos mais cheios de riso. Sem pés nem cabeça. «Cada vez pior». «Sem cura possivel». Aquelles onde sinto mais coração são: «A Vida dum rapaz gordo», «A Malta das Trincheiras», «Folhinha de qualquer ano», «Visinha do Lado».

Chagas Roquete amassa riso, ironia, sarcasmo, observação, deita-lhe uma pitadinha de ternura e faz com essa massa os retratos de todos nós, tão parecidos... tão parecidos... que os originaes ficam desespetados.

Tem duas galerias maravilhosas nos seus livros «Coisas minhas» e «O Senhor Roubado».

Para quem apreciar o humorismo já encontra nos nomes que deixei aqui escritos um manancial abundante de aprazimento.

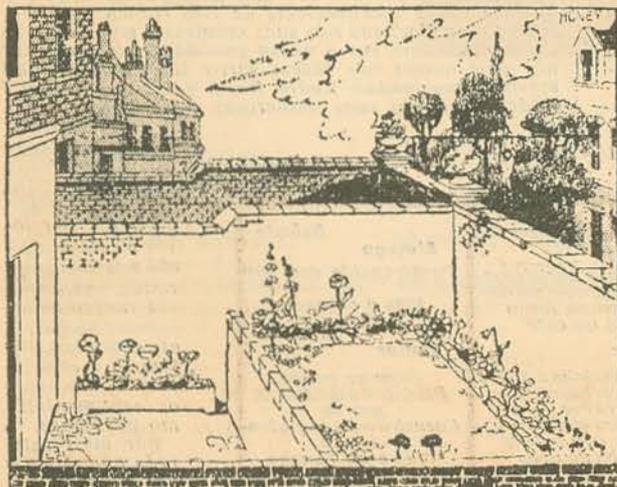
PARA DECORAR O PATEO DAS CAVES

Muita gente se afflige com a ideia de morar em cave pela pouca claridade e alegria que ha nelas, especialmente nas trazeiras, onde, em geral, são subterraneas e onde, mesmo, havendo pateos, se está atabafado pelos muros dos quintaes ou das casas fronteiras. Neste ultimo caso, pode-se melhorar um pouco a perspectiva, caindo frequentes vezes as paredes do pateo, porque, por este meio, a claridade será reflectida pelo muro, ajudando a alegrar o interior dos compartimentos.

E' conveniente, ainda que se gaste um bocado mais, pôr na janela vidros de boa qualidade, a fim de coarar melhor a luz.

Tambem contribue para tornar mais aprazivel o aspecto da casa, colocar caixotes e arbustos de plantas em volta do pateo. Será preciso escolher sempre flores que não cresçam muito, porque necessitam menos luz.

Temos a convicção de que, seguindo os conselhos que o nosso artigo encerra, a vida nas caves se tornará mais alegre e o receio de as habitar desaparecerá.



Letra de
Virgílio Santos

O MOINHO

Musica de
Carlos Soeiro da Costa

p Velas brancas do moinho. i - nho Que está no cimo da serra

f Lá andam elas de roda Assim de roda a girar

rit. Quando o vento é lá do mar *p* E quando *pp* ventania é da terra

pp E as mós de pedra lá vão lá vão moendo o trigo *pp* Pra o nosso

rit. pão E as mós de pedra lá vão lá vão moendo o trigo *pp* Pra o nosso

rit. pão *pp* Pra o nosso pão *pp* Pra o nosso pão *pp* Pra o nosso pão *pp*

I

II

III

Velas brancas do moinho
Que está no cimo da serra!
Lá andam elas de roda,
Assim de roda a girar,
Quando o vento é lá do mar
E quando o vento é da terra.

Velas brancas do moinho!
Se o vento falta um momento,
Lá andam elas de roda,
Assim de roda a girar,
Cada vez mais devagar,
E param, não vindo o vento.

Velas brancas do moinho!
Quando é grande a ventania,
Lá andam elas de roda,
Assim de roda a girar,
Que até aprecem voar,
Emquanto o vento assobia.

E as mós de pedra
Lá vão, lá vão
Moendo o trigo
P'ra o nosso pão.

E o bom moleiro
P'ra descansar,
Senta-se á porta,
Põe-se a cantar.

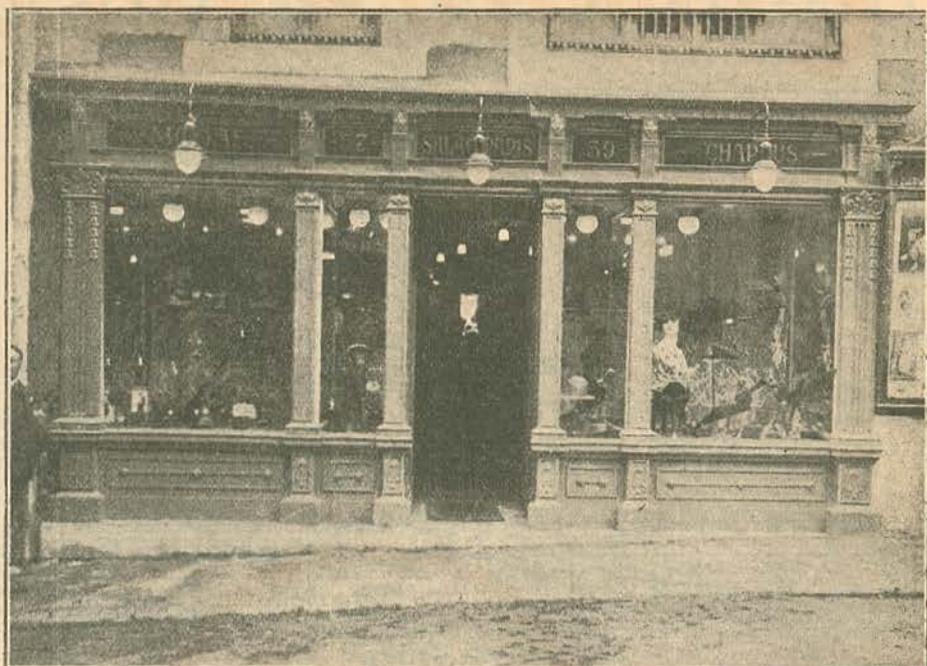
E as mós de pedra
Lá vão, lá vão,
Moendo o trigo
P'ra o nosso pão.

O SALÃO PARIS

COMPLETAMENTE REMODELADO, E' HOJE UM DOS MAIS CHICS ESTABELECIMENTOS DA CAPITAL

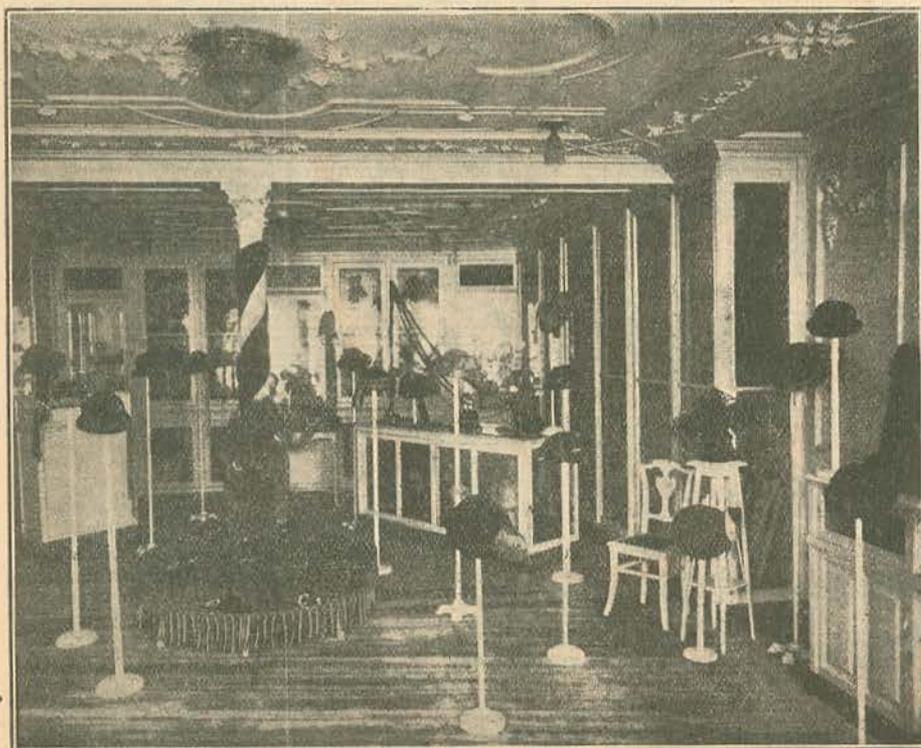
NUMA das mais concorridas arterias da capital reabriu, na passada segunda-feira, completamente remodelado, o Salão Paris que, na rua do Loreto, 57 e 59, se acha agora instalado de forma tal que nada deixa a desejar em confronto com qualquer dos seus similares da Baixa.

Uma requintada nota de bom gosto veiu dar a este local o Salão Paris, estabelecimento modelar de chapéus de senhora e modas. As suas exposições, de um inex-



A fachada do estabelecimento

cedível bom gosto, satisfazem os mais exigentes, como o prova a sua já numerosa e elegante clientela.



Salão de exposição e venda

Os srs. Armando Amarel Guião e Alvaro Henrique Chaves, que constituem a firma Armando Guião L.,^{da} podem orgulhar-se de ter feito uma obra a todos os títulos interessante.

O Salão Paris, o melhor estabelecimento local e dos melhores de Lisboa, bem merece a preferencia do publico que o tem sempre acompanhado.

Ernesto e Luiza

ERNESTO e Luiza haviam passado a infancia no arrelvado do jardim; e dos canteiros floridos muitas vezes Ernesto desprendeu as flôres lindas para entretecer caprichosos diademas com que nimbava a encantadora cabecita da sua Luiza, prendendo-os na cabeleira loiro-escura que, em caracões, se lhe despenhava caprichosos sobre os hombros. Aquela existencia infantil decorria sob um céu azul purissimo, ainda não empanado pela mais ligeira nuvem, ora no jardim de Luiza, ora no de Ernesto, paredes meias.

Tocante, aquele viver de duas creanças, que se amavam com um amor imaterial de que não era dado prever as futuras lagrimas...

Um belo sol peninsular punha naquela paizagem adoravel tonalidades douradas, purpurinas, emquanto entregues aos folguedos innocentes, Ernesto e Luiza se quedavam, por vezes, contemplando o voejar, em zig-zags suggestivos, das borboletas multicôres, até as perderem de vista para além do jardim, nos trigaes loiros.

— Ah! se nós pudessemos tambem voar, Ernesto! — exclamava, como que acordando de um sonho vago, e desfolhando mal-me-queres, a Luizita.

E Ernesto, fixando os seus grandes olhos negros no rosto angelical da sua amiguinha, murmurava, como se por mais largas regiões vagueasse o seu espirito inquieto:

— Quem sabe?! Talvez voemos um dia... para o céu!...

— E o céu que é tão lindo, Ernesto! Se um dia para lá voares heide acompanhar-te, sabes, Ernesto?

Prosseguindo na tarefa a que antes se entregava, desfolhando mal-me-queres, e arrancada a ultima pétala a que correspondeu o almejado bem-me-queres, numa alegria comunicativa, os braços alvissimos envolvendo o pescoço de Ernesto, a Luizita exclamava:

— Bem-me-queres! bem-me-queres! meu amiguinho. E batia as palmas, numa alegria ruidosa, saltando agora, correndo logo pelos arruamentos do jardim, num estonteamento empolgante, até se cançar e vir tombar, fatigada, na relva, junto de Ernesto, sobre o seu peito amigo pousando a cabeça linda, ali se quedando os dois, em contemplação mútua, os olhos fitos nos olhos, numa adoração panteista...

Fora crescendo e do mesmo modo crescera, robustecendo-se, o amor purissimo que se juraram, prometendo jámais se separarem as suas almas, identificadas no mesmo sonho, antegosando as delicias de um amor eterno que se perpetuaria além da morte...

Frequentava Ernesto o 2.º ano juridico, em Coimbra, ao tempo em que seu pae, arruinado por virtude de uma operação infeliz, queimava os miolos com uma bala. Ernesto regressou ao lar com a alma duplamente alanceada—pelo sinistro acabamento de seu pae e pelo futuro incerto proprio e dos seus, inexoravelmente comprometido, pois verificou que, embolsados os cré-

dores, bem pouco restava para ocorrer ás necessidades mais urgentes do casal. Renunciou, por isso, á sua carreira academica não aceitando generosos offerecimentos de amigos que o subsidiariam em Coimbra para terminar a formatura, porque os seus brios se não compadeciam com taes ofertas que tinham todas as apparencias de esmola, já que não sabia como e quando poderia reembolsar quem o subsidiasse. Terminados os dias de luto pesado a primeira visita de Ernesto foi para a sua noiva, para a adorada Luiza, que era agora um verdadeiro poema de encantos, de uma formosura dominadora. Todo o seu ser foi fortemente sacudido á aproximação de Ernesto; e de agua intangivel que para todos era, Luiza tornou-se de imprevisto mansa pomba, deixando-se vacilar como lampada froixa ao apagar-se, os olhos cerrados, como numa vertigem, a custo podendo, enleada, encontrar uma palavra de consolação para o seu noivo, naquele lance irremediavel.

Ernesto sorria tristemente, pois vira bem que, naquela casa, onde outr'ora era rece-

bido com jubilo, apenas Luiza o acolhia com indizivel alegria. Percebeu então haver um delito que a sociedade não perdoa — o da pobreza — ao mesmo tempo em que pela mente esbrazada lhe passavam todas as torturas que o futuro lhe reservava.

— E' tempo, Luiza, de pôr termo nesses sentimentalismos perigosos! — dizia o pae a sua filha — logo que Ernesto se retirou. Urge que, além disso, de bom gra-



do recebas o morgado, cuja unica aspiração é dar-te o seu nome e a sua fortuna.

— Nunca, meu pae, conseguirá de mim essa vileza! — exclamou, indignada, Luiza. Porque é pobre, agora, nunca repudiarei Ernesto, para me ligar a esse morgado, montanha de materia sem espirito, alma de lama num corpo de reptil. Na terra ou no céu, o meu noivo é e será Ernesto!

— E' o que havemos de vêr! — disse o pae, rubro de colera.

— Seja como fôr, meu pae, é bem que previna o morgado de que, se até aqui o aborrecia, detesto-o de futuro...

Ernesto não voltára a casa de Luiza onde tinha arquiteado o castelo dourado da sua felicidade, agora desabado. E ao passo que os seus olhos contemplavam o horizonte triste, a sua alma estava com Luiza, ouvindo a sua voz no murmuro dos regatos e vendo o seu rosto reproduzir-se em todos os objectos que contemplava. Neste estado o veiu encontrar uma carta que Luiza, iludindo a vigilancia de que era alvo, conseguiu fazer chegar-lhe ás mãos:

Meu Ernesto:

Meu pae parte amanhã para Lisboa. Saberei encontrar-me contigo. Eu não posso continuar nesta dolorosa situação, meu adorado. A presença do morgado, aqui metido todos os dias, cuso-me horror, tanto mais que vai redobrando de audacia e cinismo. O seu fundo moral é detes avel, pelo que o odeio com todas as forças da minha alma. Vem amanhã á q. in-ta; esperar-te-hei no local que sabes e percorreremos juntos os logares que mais amamos e que foram testemunhas das nos as sonhadas venturas. Quem sabe se, pela ultima vez, veremos aqueles logares, meu Ernesto.

Meu pae ameaça-me com um convento, e eu tenho receio de morrer sem torna a abraçar-te, meu amor! Não falles, pois, meu Ernesto, que me matas! Ternidade da sempre tua, através de tudo,

Luiza.

Não faltou Ernesto á solicitada entrevista, sendo longo o passeio pela quinta. Num enlevo d'alma, Ernesto e Luiza recordavam os seus projectos, agora destruidos pela negra fatalidade.

— Tu não me abandonarás nunca, meu Ernesto! — exclamava Luiza. Esperarei pela maior idade e então serei tua para sempre;

— Mas eu não consentirei nunca esse sacrificio, Luiza, pois não devo condenar-te a compartilhar da minha pobreza. O mundo, minha querida, pensa como teu pae, e eu não quero que se diga que vejo em ti uma herdeira rica! Pode, porventura, esse mundo egoista compreender a grandeza e a isenção do nosso amor?! Ah! se tu fosses pobre como eu...

— Que nos importa o mundo?! Unir-nos-hemos, e para sempre, atingida que seja a minha maior idade.

— Unir-nos-hemos, sim, Luiza, mas no céu!...

— E' essa a tua ultima resolução, Ernesto?

— E irrevogavel!...

E mudos as mãos enlaçadas, foram descendo vales e subindo outeiros até ao mais elevado do monte, cujas arestas era agora tocadas pelas irradiações avermelhadas do sol que se e condia num poente rubro, ao longe, no fundo do mar...

Lá em baixo divisavam o abismo seductor, por onde passava o linha ferrea; e a di tancia viam aproximar-se o penacho de fumo negro saído das entranhas d'aço da locomotiva em marcha. Abismo atraente era aquele, para quem desejasse encontrar na morte o repouso que não pôde deparar na vida...

— Lembras-te, Ernesto, disse Luiza, que prometemos não nos separar nunca?! e abraçava-se fortemente no seu bem-amado.

— Se lembro, divina Luiza!

— E por que não voaremos para o céu, em busca da nossa ventura?!

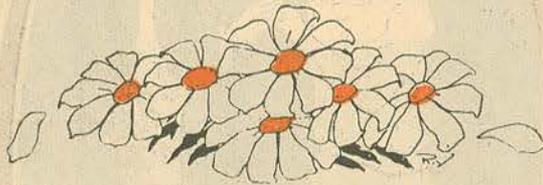
E passando os braços pelo pescoço de Ernesto, Luiza colou os seus labios, escaldando de febre, nos dele, num beijo prolongado que foi o primeiro e que devia ser o ultimo, exclamando:

— O caminho do céu, meu Ernesto, é este!

E os dois, como que movidos pelo mesmo pensamento, precipitaram-se, dum salto, no abismo tentador!...

Passados rapidos segundos, a locomotiva reduzia a massa informe os dois entes que tanto se amaram, e que havia previsto na infancia que voariam um dia... para o céu...

GRAÇA E CRUZ.



Casa Adão

CHÁS, CAFÉS, LICORES,
CHAMPAGNES, VINHOS DO PORTO E DA MADEIRA DA ANTIGA CASA

FERREIRINHA DA REGOA
e de F. F. FERRAZ & C.^a L.^a

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Loja e armazem

—76, Rua dos Retrozeiros, 77 e 75-2.º—

Escritorio

Rua Augusta, 70, 3.º

Telefone 1566-C.

Bebam

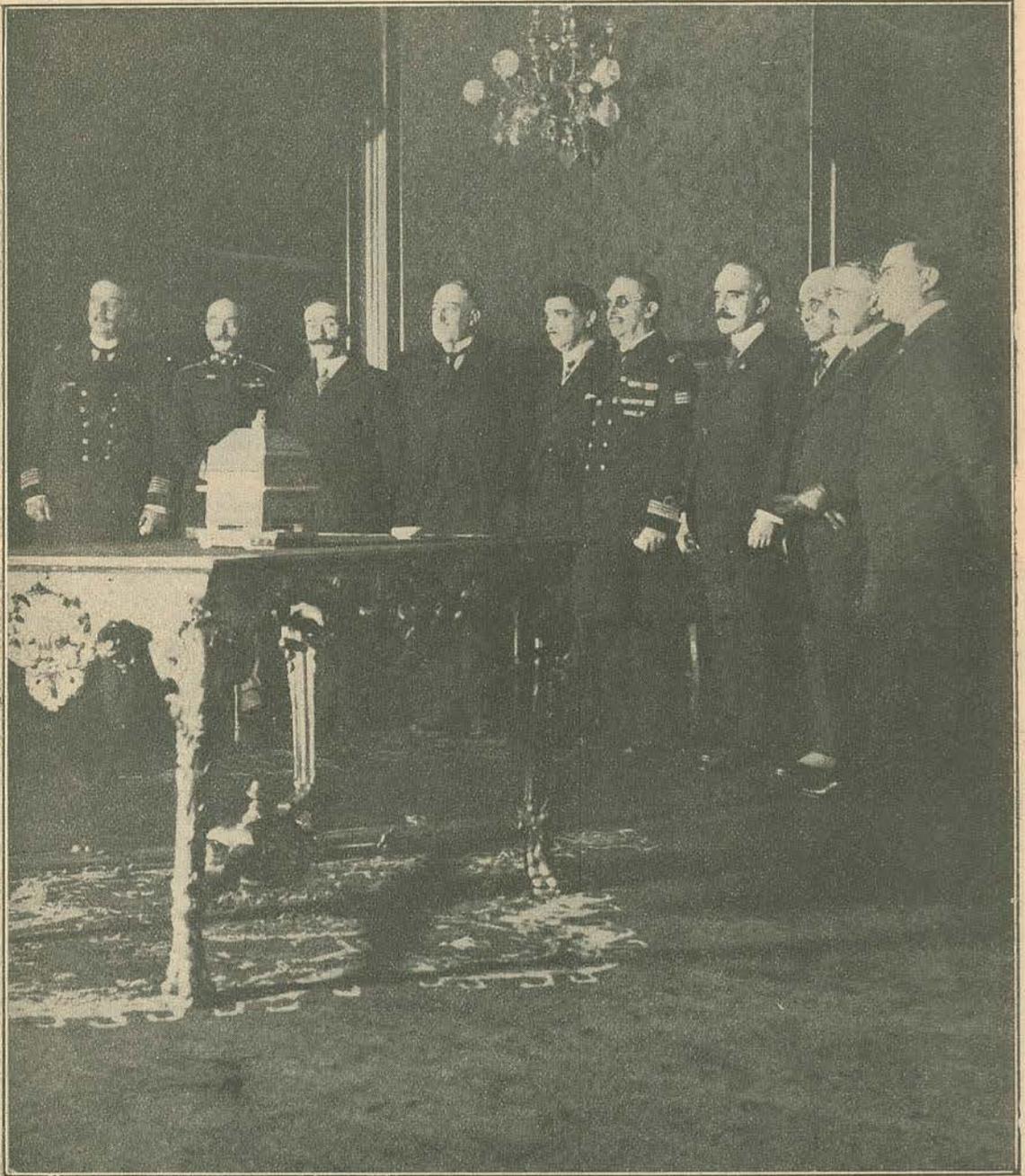
AGUA

DE

S. MARÇAL

TELEF. C. 1566

O NOVO GOVERNO



O GABINETE GINESTAL MACHADO QUE ASSUMIU O PODER IO DIA 15 DO CORRENTE

Da esquerda para a direita : srs. Vasconcelos e Sá, ministro da Agricultura ; general Carmona, da Guerra; Lopes Cardoso, da Justiça; Ginestal Machado, do Interior (presidente); Cunha Leal, das Finanças; Judice Biker, da Marinha; Julio Dantas, dos estrangeiros; Vicente Ferreira, das Colonias; Melo Simas, da Instrução e Pedro Pita, do Comercio e interino do Trabalho

(Cliclaé Salgado.)

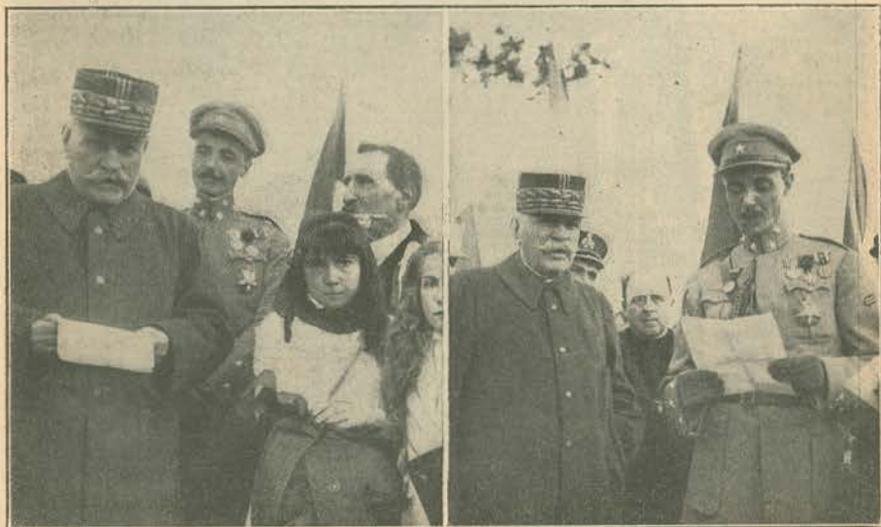
A INAUGURAÇÃO, NA FLANDRES, DOS PADRÕES PORTUGUEZES DA GRANDE GUERRA



Chegada do marechal Joffre, seguida pela missão portuguesa e oficiais e autoridades francesas a Neuve Chapelle, próximo de Bethune, onde foi inaugurado, no dia 11 do corrente, o primeiro padrão português da Grande Guerra. Joffre passa revista ao 3.º regimento de engenharia que fez a guarda de honra.



O padrão português inaugurado, no dia 11 do corrente, vendo-se, da esquerda para a direita: M. Henry Defert, presidente do Turin Club de França; general Horter; capitão de fragata Afonso de Cerqueira; marechal Joffre; dr. Cineiros Ferreira, encarregado de negócios de Portugal, e general Roberto Batista.



O general Joffre discursando por ocasião da inauguração do padrão vendo-se, à sua esquerda, o general Roberto Batista e M. Sarrasin, mãe de Lacouture, e, na frente duas crianças do Orfeon constituído por alunos das escolas locais.

O general Roberto Batista lendo o seu discurso, pela mesma ocasião. À esquerda do orador, o marechal Joffre e, ao fundo, entre os dois valentes militares, o paroco de Lacouture.



O general Roberto Batista faz a leitura do discurso de entrega da Cruz de Guerra ao futuro monumento aos mortos portugueses da Grande Guerra, por ocasião do lançamento da primeira pedra do referido monumento em Lacouture. Da esquerda para a direita, vêem-se: marechal Joffre; general Horter; dr. Cineiros Ferreira; capitão de fragata Afonso de Cerqueira e o orador.

Conselho de Leitura do Teatro Nacional



Dr. Ramada Curto



Cristovam Aires, filho



Vitoriano Braga

O presidente e vogaes, de nomeação ministerial, do Conselho de Leitura das peças originaes destinadas ao Teatro Nacional, representando o primeiro e o ultimo os autores dramaticos e, o segundo, a critica teatral

BENTO CORRÊA

Viagem dos soberanos espanhoes a Italia



Artista pintor cuja exposição de quadros foi inaugurada no dia 15, na Associação Naval

RICARDO DOMINGUES



Presidente da direcção do Sport Algés e Dafundo e membro do Comité Olímpico Portuguez, a quem um grupo de amigos e conhecidos ofereceu, ha dias, um banquete em homenagem não só ás suas qualidades de «sportman», como aos seus dotes de caracter

A rainha Victoria de passagem por Valencia, onde os soberanos espanhoes, o presidente do Directorio e a comitiva real embarcaram, no dia 16, a bordo do cruzado Jaime I, a caminho de Spezzia

Aniversario da proclamação da Republica Brasileira



Algumas das pessoas que concorreram á recepção do dia 15, comemorativa da passagem do 34.º aniversario da proclamação da Republica Brasileira, dada, na Embaixada do Brasil pelo Embaixador, sr. dr. Cardoso d'Oliveira. No 1.º plano (da esquerda para a direita) veem-se: srs. Domingos Pereira e Georges Denant, secretario da Legação da França; Mesdames Pereira dos Santos, Bonin e Pinilla; dr. Bernardino Machado; Mlle Lydia Cardoso de Oliveira, senhora Embaixatriz do Brasil; Mlle Maria Padilla; srs. Embaixador do Brasil e Tim Koren, ministro da Noruega; Madame Koren; Mr. Bonin, ministro da França, o secretario do sr. Domingos Pereira. Mme Perez de Acevedo e sr. Aloes de Sousa

Companhia Dramatica Italiana

EMPRESARIO E PRINCIPAES ARTISTAS DA COMPANHIA DA ACTRIZ VERA VERGANI QUE SE ESTREARÁ BREVEMENTE NO THEATRO POLITEAMA



Vera Vergani
Primeira actriz da companhia



Dario Nicodemi
Empresario e autor dramatico



1



2



3



4



5



6



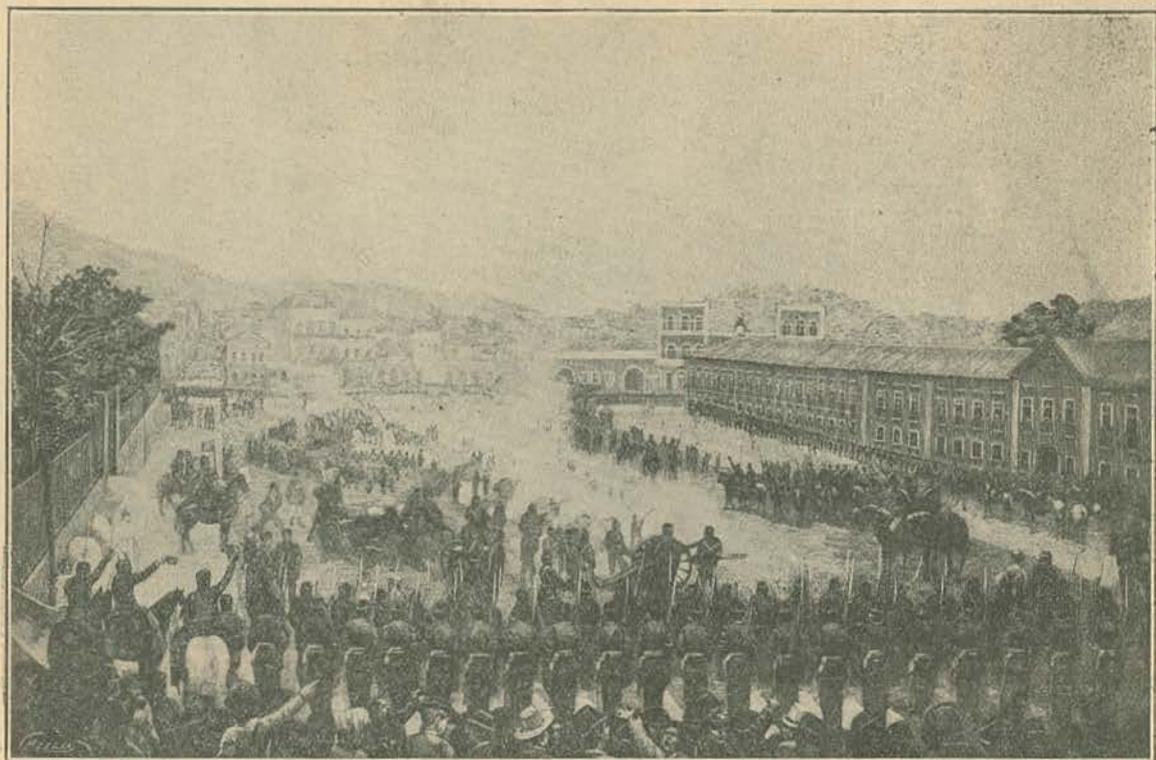
7



8

1—Ginditta Rissone; 2—Jone Frigerio; 3—Margherita Donadoni; 4—Luigi Cimara; 5—Luigi Almirante; 6—Ruggiero Lupi; 7—Mario Brizzolari; 8—Alfonso Magheri

Ha Muitos Anos...



Proclamação da República dos Estados Unidos do Brasil, em 15 de Novembro de 1889. (Reprodução do quadro do pintor brasileiro sr. Oscar da Silva.)



Uma sessão da Conferencia Internacional de Berlim, inaugurada em 15 de novembro de 1884 e convocada para regular a navegação e commercio do Zaire, e demarcar os limites occupados n'aquella região africana por Portugal e outros países. Fizeram-se representar n'essa conferencia 14 nações, sendo os nossos representantes os srs. Marquez de Penafiel, embaixador em Berlim, Antonio de Serpa e Luciano Cordeiro. (O Ocidente n.º 318)



Antonio Bändeira, ministro de Portugal



D. Maria Raquel Bändeira, ministra de Portugal

A nossa representação diplomática na Haia

ACABA de ser agraciado, com o grau de grande oficial da Ordem Militar de Santiago da Espada, Antonio dos Santos Bändeira, ministro de Portugal em Haia.

Antonio Bändeira foi bem conhecido em Lisboa, como jornalista humorístico e scintilante e conversador espirituoso e revelou-se depois diplomata distinto, desempenhando o seu cargo em paizes diversos com perfeita competencia e conquistando na Haia uma situação de destaque com um raro prestigio pessoal.

Antonio Bändeira, se não tivesse seguido a carreira diplomatica, que lhe absorve o tempo e que, social e intelectualmente, o prende, seria, decerto, um literato de incontestavel talento, como se prova pela flexibilidade e elegancia com que escreve

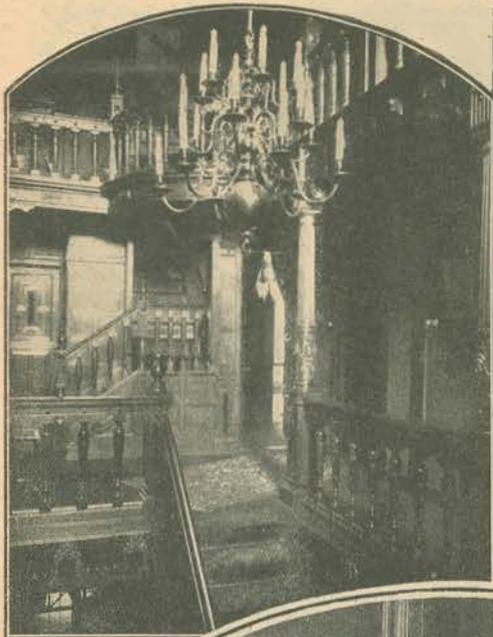
o portuguez e o francez nas poucas horas vagas que lhe deixa uma vida intensa, que seduz, mas que escraviza.

Bom foi para o nosso paiz que o destino assim determinasse, pois Portugal tem tudo a ganhar em ser representado no estrangeiro por diplomatas que, pelo seu valor, possam honra-lo e bem servi-lo.

No passado verão, Antonio Bändeira realisou o seu casamento, ha muito projectado, com uma senhora portugueza, D. Maria Raquel da Mota Marques de Carvalho, que, pela sua inteligencia, pela sua dedicação, pelo seu



Gabinete de trabalho no Palacio da Legação



A escada



O salão e visitas



A estufa



*A saleta
de espera*



*A casa
de jantar*

espírito culto, sem duvida acompanhará brilhantemente seu marido na corte onde nos representa e saberá marcar o seu lugar entre as senhoras da diplomacia, dando ás salas da Legação Portuguesa aquele encanto que só a mulher superior consegue espalhar no ambiente que a rodeia.

M.^{me} Santos Bandeira, que é a segunda senhora do corpo diplomatico na Holanda, pela antiguidade do cargo de seu marido naquela corte, foi apresentada ha pouco a Sua Magestade a rainha Guilhermina, por ocasião do jubileu desta soberana no 25.^o aniversario do seu reinado.

As gravuras que acompanham estas breves pa-

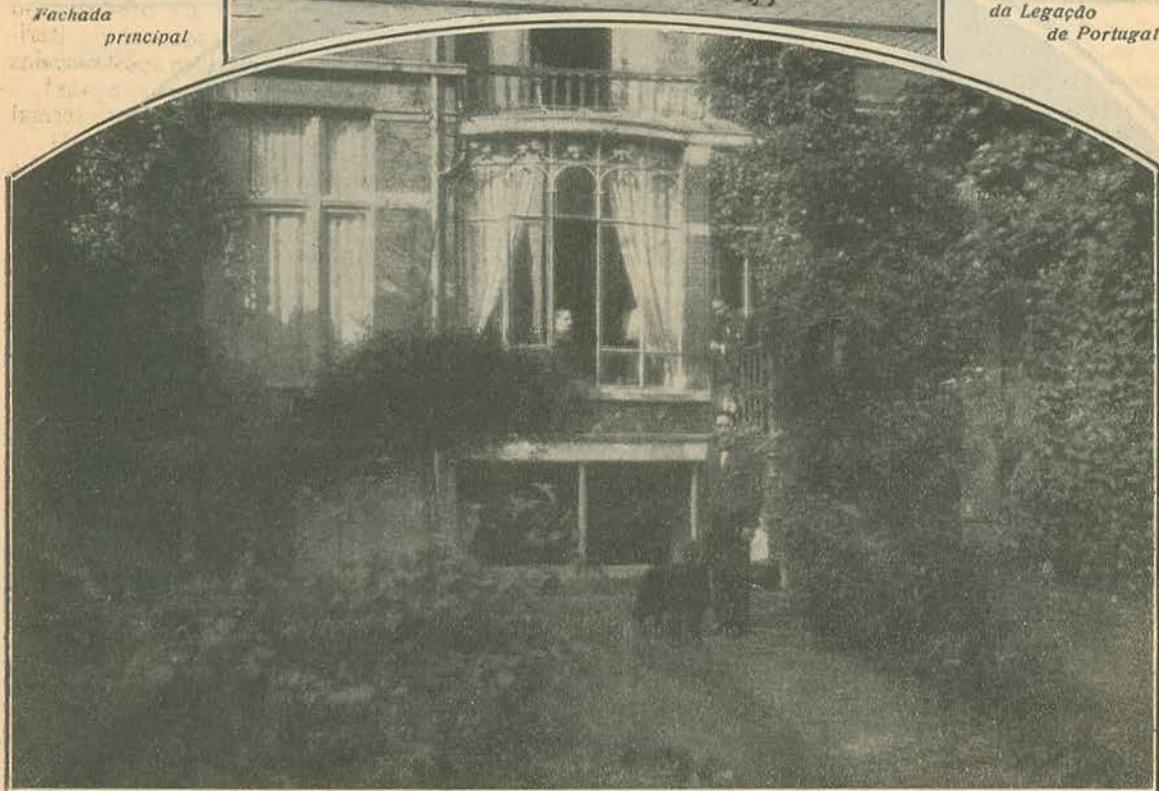
lavras mostram varios aspectos da Legação de Portugal na Haya, e nelas se vê o gosto requintado que preside á disposição das salas, onde Antonio Bandeira guardou com carinhosamente a nota portugueza, que se encontra em muitos moveis — buffets de pés torneados, commodas e cadeiras D. João II — nas colchas antigas que tão bem se harmonizam com o sobrio e severo estilo holandez.

M.^{me} Santos Bandeira, que tem um gosto artistico seguro e fino, como sabem todos os que a conhecem, dará a delicada nota feminina a todo esse conjunto, que já por si captiva os que frequentam a Legação de Portugal.

Fachada principal



da Legação de Portugal



Um trecho dos jardins da Legação

Dr. Sabino Pereira

NUNCA uma vocação fogosa teve mais pleno e mais fecundo exito!

As vocações brotam espontaneas, são inconscientes, inexplicaveis. Os exitos mercedos, conscientes, dependem duma vontade forte, ponderada, tenaz; duma intelligencia criteriosamente aproveitada; da applicação metódica de faculdades inatas, lucidamente orientadas.

O dr. Sabino Pereira revelou logo como estudante de medicina um pendor exagerado pela sua profissão, não abandonava, por assim dizer, o hospital; depois tornou-se medico como só um padre verdadeiramente crente pode exercer o sacerdocio, por ele proprio mais que pelos proventos a auferir. Opéra com o mesmo ardor um pobretão ou um milionario! Acompanha a marcha das melhoras dos seus operados, em todos os seus doentes, com afinçado zelo!

Medico do Hospital de S. José e da Misericordia, não raro lhe succede perder noites consecutivas operando quasi ininterruptamente; pode vencê-lo a fadiga fisica, mas triunfa sempre a força animica, que o impulsiona intensa, imperiosa!

E essa vontade férrea só pode ser igualada pela pericia, pela sciencia e consciencia como opéra habilmente, com incrível rapidez!

Tem vista lincenesca!... Dentro da possível certeza medica o diagnostico é rapido tambem.

Tres casos, entre inumeros.

Apresentou-se-lhe ha anos um guarda-freio dos electricos, que meses antes havia sido operado, após um choque de carros. Nunca havia deixado de sofrer. O abalitado clinico, após breve exame e minudenciosas perguntas, nota qualquer coisa anormal na perna do doente, opéra e... extrai-lhe o manipulo do volante-travão!!!

Lá está no consultorio da Rua das Pretas para memoria.

A quem tratára o manipulado havia escapado aquella insignificancia!...



O illustre clinico e sua filha Amelia Maria
Cecilia Grandela Sabino Pereira

Recentemente apresentou-se-lhe uma senhora, examinada durante quasi dois anos por varios medicos, todos conformes em que ella padecia duma apendicite; o Dr. Sabino observa-a e diz —o seu apendice está perfeitamente normal, sofre do ovario direito, precisa ser operada. Executada a operação pelo proficiente medico, o apendice estava incolume, o ovario... avariado.

Eu proprio andei por mãos de medicos durante anos, aquí cáio ali me levanto, sempre achacoso, já desesperado com elles e com o sordido Gerez, que ao oitavo ano de cura me produziu só dois ataques de itericia, logo após o uso das milagrosas aguas!...

Entre parentesis: o estabelecimento thermal do Gerez tem só trinta anos — inalteravel!..

E, como os casos citados, algumas centenas deles!...

E' um rapaz robusto, decidido, sem deixar que lhe façam o ninho atraz da orelha, sabendo pôr tudo e todos no seu logar; naturalmente afavel, sem exageros, e naturalmente rispido, se tanto fôr necessario.

Trabalha mais por amor á arte do que pelo vil interesse, sobretudo para legar um nome honrado e venerado á interessante filha, que lhe afaga e doura a existencia—a Nini.

Homem de acção, de trabalho indefesso, fanatico pela sciencia, devendo a elle proprio sómente, o que é e o que vale, possui um coração amavel, sob uma apparencia desprendida e simples: a familia, e, principalmente, a filha, enchem-lhe a vida, que não pode ser melhor applicada, nem mais fundadamente esperançosa do que no delicioso anseio de ver prospera e feliz a sua Nini adorada.

Ao ler, surprazo, estas singelas palavras, o Dr. Sabino Pereira far-me-ha a justiça de vêr nelas sómente um pálido reflexo da minha dedicada gratidão, da minha admiração pelos seus excepcionaes dotes de grande medico e de homem de bem.

Essa justiça me basta.

CRUZ MAGALHÃES.

COLONIA PORTUGUEZA DO RIO DE JANEIRO

Comemoração do 5 d'Outubro



A mesa que presidiu a sessão solenne comemorativa do 13.º aniversário da proclamação da República, no Gremio Republicano Portuguez do Rio de Janeiro, vendo-se na presidencia o encarregado de Negocios de Portugal, sr. dr. Joaquim Pedroso e, lendo um discurso, o sr. Fernando d'Almeida.—Um aspecto da assistencia á referida sessão

(Clichés Brandão — Rio de Janeiro)

OS AGUARELISTAS PORTUGUEZES EM MADRID



Visita dos soberanos espanhols á exposiçào, vendo-se da esquerda para a direita: Sua Magestade a Rainha, a esposa do ministro portuguez em Madrid, El-rei Afonso XIII, o ministro de Portugal, dignatarios da còrte, etc. etc.,
(Cliphè Luis Marin—Madrid.)

EXPOSIÇÃO DE QUADROS DE D. EDUARDA LAPA



Trecho da interessante exposiçào de quadros a oleo da sr.ª D. Eduarda Lapa, inaugurada, no dia 10 do corrente, no pr'acio da Sociedade Nacional de Belas Artes. A' direita, a expositora. (Cliphè Salgado.)

"Estrelas e Artes" do



portada para o *écran* com grande realidade.

Violeta era uma pequena florista a quem a miséria aconselhou, um dia, uma acção má. Violeta roubou uma joia da aristocracia local, Eugénie de Montijo. Esta não só lhe perdoou, mas deliberou protegê-la.

Violeta emendou-se e graças à protecção da sua benfeitora Eugénie de Montijo, tornada imperatriz da França, fez-se uma cantora da moda.

A sua gratidão pela

A estrela italiana
Aimée Dolmores
na
película
A 5.ª Avenida,
um dos
seus últimos trabalhos

O conhecido *metteur en scène*, Felix Léonneo encontra-se actualmente em Nice, com a sua companhia filmando os exteriores da película extraída do seu romance—*O Pirata*.

Georges de la Noë, artista notável pelas suas magníficas criações, desempenha o protagonista da obra de Léonneo, tendo sido confiado a Maurice Irvin, o papel de heroína, Gladys, onde a estrela, certamente, mais uma vez evidenciará as suas belas qualidades dramáticas, coreográficas e desportivas.

— Raquel Meller conseguiu realizar mais uma esplendida criação, interpretando o film *As violetas imperiaes*.

O entredocho da película é uma das melhores obras de Henry Roussel, uma comvente historia, trans-

O actor
Antonio
Moreno



bondade da imperatriz era tanta, que uma noite julgou seu dever oferecer-se em holocausto á metralha com que os anarquistas tentavam atacar o coche imperial, afim de salvar a imperatriz Eugénie.

O carro de Violeta incendiou-se, mas as violetas que o atapetavam opuzeram-se á propagação das chamas, sendo milagrosamente que ella se salvou.

A imperatriz Eugénia perante a dedicação que semelhante attitude lhe demonstrou existir em Violeta, deliberou enobrece-la fazendo-a casar com o tenente de Saint-Affrémont, pois ha muito conhecia os seus amores.

Raquel Meller foi muito logiada na interpretação de Violeta. Os outros papeis a cargo de Suzanne Blanchetti, Claude France e Andréé Joanne foram desempenhados a primor.

— Acaba de ser exhibido, na capital franceza o film *Koenigsmark*, que o *metteur en scène* francez Léonce Perret extraiu do romance de Pierre Benoit.

E' uma obra magistral, daquelas, que pertencem



Uma das scenas do film *Leption Schools*, entre a actriz Nazimova e o actor Mitchael Lewis

á categoria dos films, capazes de elevar o nivel do cinema. A interpretação serviu admiravelmente o a daptador.

Huguette Duflos, Marcy Capri e Jacque Catelain foram inexcelsíveis no desempenho.

— A actriz franceza Maurice Canonge, actualmente na America, desempenha o papel de Zonzou na nova versão de *Trilby*.

Os novos Governador Civil e Commissario Geral da Policia



O sr. dr. Gonçalves Videira, novo governador civil de Lisboa, por ocasião do acto da posse, no dia 16 do corrente, vendo-se à sua direita o sr. presidente do Governo

O tenente-coronel sr. Ferreira do Amaral, novo commissario geral da policia, por ocasião do acto da posse, no dia 17 do corrente, entre os srs. ministro da Agricultura (à sua direita) e da Marinha (à esquerda)

(Clichés Salgado.)

HOMENAGEM AO CORONEL SR. FERNANDO FREIREIA Arcebispo de Damietta



D. Sebastião Leite de Vasconcelos, cujos funerais se realizaram no Porto, no dia 17

Antonio Julio Botelho



Industrial de Mirandela, onde faleceu ha dias, victima de desastre

Aspecto da assistencia ao almoço oferecido, no dia 17, na Pastelaria Garrett, ao coronel do C. E. M. sr. Fernando Augusto Freireia, pelos officiais da D. G. T. do Ministerio da Guerra, em homenagem aos dotes de caracter e inteligencia daquele illustre official

Angela Pinto



As brilhantes palavras sobre Angela Pinto, escritas pelo nosso presado colaborador Apelinio d'Almeida e lidas pelo actor Chaby Pinheiro no teatro de S. Carlos, por ocasião da festa em honra da grande actriz, na noite de segunda-feira:

Senhor Presidente, minhas senhoras e meus senhores.

Não esperéis ouvir, nas palidas e breves palavras desta saudação, o relato da carreira de uma actriz genial, que foi o maior enlevo da sua época e que, mercê de Deus, ha de tornar a ser a nossa maior delicia. O momento não é o mais apropriado, nem seria facil a tarefa, para referir e frisar o que valem e significam, na historia do teatro portuguez, os laboriosos trinta annos, repletos de triumphos, que até agora constituem a vida de Angela Pinto como comediante. A homenagem que lhe prestamos na noite de hoje circunscreve-se a um justo preito de admiração, de affecto e de solidariedade, nascidos muito do fundo da alma... A grande apoteose ficará para mais tarde, porque ainda não sou a hora do jubileu Angela Pinto, que uma longa e cruecianté doença afastou temporariamente do tablado, confia em voltar a ele e nós compartilhámos dessa confiança, aguardando, com alvoroço, o feliz instante em que se renove o contacto entre o publico e a sua artista sobre todas dilecta. Mas ter-se hia, alguma vez, perdido esse contacto? De modo nenhum! Angela Pinto está no coração de todos nós, que a amamos, os seus amigos, os seus admiradores, os seus colegas; vivem na lembrança de nós todos as manifestações brilhantissimas do seu talento multifôrmo, envoltas na lenda imaginosa dos caprichos, das aventuras, dos gestos que a fantasia alheia lhe attribuiu, amplificando-os ou inventando-os, lenda que só concorreu para que avultassem os meritos da actriz mais singularmente original que, no ultimo quarto de seculo, illuminou com fulgores da sua arte a scena portugueza.

Minhas senhoras e meus senhores.

Angela Pinto iniciára, havia pouco, a redacção das suas memorias, quando o infortunio lhe bateu á porta, prostrandô-a no leito. Na confusão que em sua casa sobrevio, as paginas escritas, os apontamentos e os subsidios, accumulados por ella, levaram misterioso sumido, ignorando-se o destino que lhes foi dado pela mão descaravel que os arrebatou... E é pena, porque a biografia artistica de Angela Pinto, das mais vastas, das mais ricas em pormenores e das mais notaveis, demanda, para se elaborar, um serio esforço de investigação. Angela, como a gloriosa Virginia Déjazet, entenderia, decerto, ser bastante — e era-o, sem duvida, — que nos falasse dos seus papeis e das suas creações, porque a existencia particular de uma artista não pertence ao publico, mas exclusivamente a ella...

Quanto de inedito, de saboroso e de interessante não encerrariam as suas reminiscencias da noite de 4 de setembro de 1892, ao desempenhar, pela primeira vez, na Rua dos Condes, de forma individual, e de maneira decisiva para o seu futuro, a parte de «Manuela», da opera-comica *O solar das Barrigas* Gervasio Lobato, que com D. João da Camara firmou o libreto para o qual Cláudio escreveu a mais linda musica, assegurava que Angela fôra assombrosa e que havia revelado um talento extraordinario. Previa-lhe, se estudasse a serio, um dos primicias logares no teatro portuguez. Contava, então, vinte e quatro annos a encantadora e azougada rapariga, cujo nome o publico dall em diante ficou para nunca mais esquecer... João e Augusto Rosa, vendô-a na Rua dos Condes, compreenderam, de relance, que estavam em presença de uma vocação e de um temperamento dramatico de primeira agua. Pediram-lhe, em segredo, que estudasse o monologo do oiro, da *Princesa de Bagdad*, e com tão viva expressão, tamanho sentimento e tão perfeita naturalidade ella lhes recitou a fala de Lionette, dissipadora, fantasista, mas boa no fundo, que os dois mestres da scena logo decidiram arrancal-a ao teatro musicado para lhe conferirem o posto a que tinha pleno direito em generos superiores... Angela Pinto, que se delectava com as desenvolturas da opereta e do *vaudeville*, com os trinados da opera-comica, com o frégolismo, a pimenta e o sal das revistas, apenas decorridos oito annos aquiesceu. Em 1900, estreavase no D. Amella, desempenhando a protagonista de *La Dame chez Max'm's*, de Feydeau, em que foi estufante de graça e pitoresco. A *Lagaritica* serviu de degrau, de suave ponte de passagem para mais amplos vãos no teatro de declamação... Um ano depois, Angela surgia em *Zazá* e no sentimental comedia de Berton dava toda a medida dos seus poderosos recursos dramaticos. Que cancelas, que sobresaltos, que estratagemas, os dos dois Rosas illustres, a fim de que ella, recosa de insuccesso, se não escapasse! Para isso, enclausuraram-na, confortavelmente, tres dias no Bragança, dando-lhe por homenagem o trecho da rua entre o hotel e o teatro. A *Zazá* foi um exito retumbante! Angela Pinto acabava de conquistar, na vanguarda dos nossos artistas mais prestigiosos, o posto de honra que, para sempre, havia de manter sem o favor de ninguém.

D'ora avante, Angela assinalará a sua individualidade inconfundivel, prodigalizando ao teatro portuguez impaga-

veis serviços e contribuindo para a vulgarisação, entre nós, de um sem numero de obras célebres do teatro estrangeiro. Em D. Maria salvou uma empresa e uma época que ameaçavam sossobrar. A corteza «Clarinda» da *Aventureira*, de Augier, na versão de Coelho de Carvalho, teve nela uma soberba interprete, como tambem o foi *la Dolores*, de Codina, adaptação do mesmo escritor, de quem representou ainda, esplendidamente, uma pequena personagem da peça original *Casamento de Conventencia*. Julio Dantas conta-a entre as artistas que mais lustre deram ao desempenho de algumas das suas obras dramaticas. Angela Pinto foi a creadora imortal da *Severa*, a galante marquez de Seide, de *Um serão nas Laranjeiras*, a dolorida Izabel Conti da *Santa Inquisição*, a abnegada Helena dos *Crucificados*, a ambiciosa Generill da adaptação do *Rei Lear*. Mas não só Coelho de Carvalho e Julio Dantas viram valorizada a interpretação dos seus trabalhos pelo concurso de Angela Pinto. Conviem esquecer que, no extenso caminho por ella percorrido desde Madalena de Vilhena, do *Frei Luiz de Sousa*, de Garrett, á apaixonada Beatriz, do *Infante de Sagres*, de Jaime Cortezão, e á serrana Clara, do *Enire Giestas*, de Carlos Selvagem, a raros dos nossos dramaturgos contemporaneos, de autentico merecimento, deixou de interpretar. João da Camara e Eduardo Schwabach orgulhavam-se de tão insigne coooperadora. A Mariana, do *Amor de Perdição*, por exemplo, ficou entre as suas mais belas, mais estranhas e empolgantes criações.

Do teatro estrangeiro, incarnou Angela Pinto inumeras figuras. Em muitas das principais heroínas de Bernstein, Bataille, Daudet, Capus, Kistemaekers, Bisson, de Fiers, etc., a foi grande, verdadeira, humana, dentro de processos que de ninguém copiou e atravez do seu feitio jamais dominado por influencias que não fossem as do proprio caracter e do proprio genio...

A peça que representava, quando adoeceu, ha desesselt mezes, era a comedia *As flores*, dos irmãos Quintero. Tinha um papel de mãe angustiada e sofredora... Na interminavel galeria das peças estrangeiras do repertorio de Angela Pinto, uma ha, porém, que a cativou até a paixão: *A primeira causa*, de Bisson, *La femme X*. Outra mãe angustiada, essa Jacquellina, cuja tragedia a seduziu, viveu-a em scena com toda a forja dos seus nervos, todos os impulsos do seu coração, toda a ardença das suas lagrimas... Foi até hoje o papel a que mais se afeicou e a que mais quer...

Meridional, peninsular, lusitanissima, lisboeta, Angela Pinto, dotada, é certo, da mais aguda intuição, embora um dia, ha muitos annos, lh'a negasse um critico severo, e sem embargo de a reputar irrequieta, indisciplina, insubmissa, trabalhou, estudou com afinc e denodo para alcançar na scena a situação excepcional que occupa. Ella sabe, como poucas comediantes, sentir e exprimir a dor, a alegria, a revolta, a piedade, a ironia, o odio, o amor—sobretudo o amor nos seus rasgos, nas suas violencias, no seus sacrificios. E com tão apurada sensibilidade os sente e com tamanho poder communicativo os exprime, que todos a entendem e com ella vibram e se comovem, rindo, soluçando ou sorrindo. Eis porque o publico, a multidão, aneia pelo reaparecimento de Angela, não apenas para lhe render como hoje o preito do seu affecto, em palmas e em flores, mas para lhe testemunhar como aprecia o seu talento e se consola com a sua arte. Emquanto ella, porém, é saudosamente aguardada, e oxalá que o seu regresso esteja para muito breve, evocuemol-a em algumas das suas magnificas creações de outrora, que entusiasmaram as platéas até o delirio e que se conservam n'idas e flagrantes na memoria de todos...

Minhas senhoras e meus senhores.

A evocação vaee começar!

Angela foi evocada nos seguintes trabalhos: *A Severa*, *Amor de Perdição*, *Solar dos Barrigas*, revista *Aleria*, *Zazá*, revista *Castelos no ar*, *Infante de Sagres*, *Hamlet*, 28 dias de *Clarinha*, zarzuela *Caramelo* e imitações de Mayol.

Grupo musical infantil Extremocense



—Além das crianças que constituem o interessante grupo vê-se na fotografia (ultimo plano) o director, do mesmo grupo, o professor amador sr. Francisco Manuel Saraiva



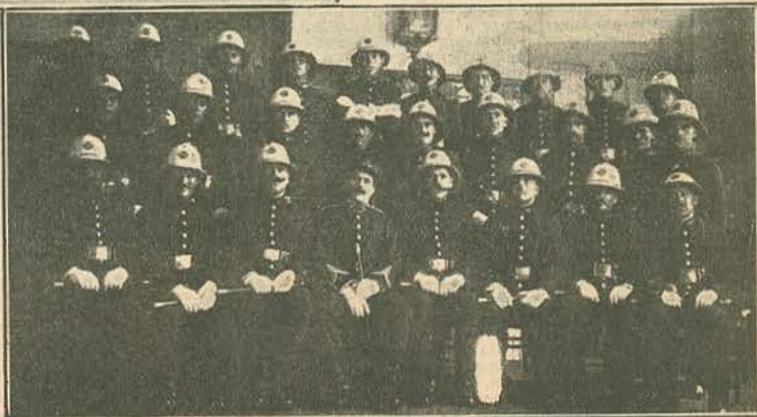
“Foot-ballistas,, tomarenses

O onze do Unido
Foot-ball Comercio e Industria
de Tomar
que, no desafio de beneficencia
em favor do Asilo Creche
de Nossa Senhora da Piedade,
da referida cidade,
realizado no dia 4 do corrente,
venceu, por 4-3,
o Sporting Club, tambem de Tomar

Fotografia gentilmente oferecida
á Illustração Portuguesa, pelo Unido,
favor que agradecemos

Policia de Lourenço Marques

Grupo do pessoal
que constitui a 1.ª esquadra
de policia
da cidade de Lourenço, Marques,
vendo-se,
ao centro, o respectivo chefe,
sr. Graciano Figueiredo
Almeida,
e, á direita,
o cabo n.º 67, sr. José Antonio
Vinagre,
em grande uniforme,



SEARA ALHEIA



— Mas isso é uma porcaria ! Porque está você a cuspir no sabão ? !
 — Porque o senhor é de fóra; aos cá da terra o meu costume é cuspir-lhes na cara.

(De La Franc.)



— Que lindo, hein, Anatolio ? ! Tudo aqui nos recorda que faz hoje trinta anos que nos casamos !...
 — Principalmente... o calvario !...

(De Le Petit Parisien.)



— Afinal o Ricardo parece que deixou uma fortuna de dez milhões. Convinha-te ser a viúva dele, hein ?...
 — Bem sabes, meu querido, que só desejo ser a tua !...

(De London Opinion.)



Mas, afinal, o que tens tu ?
 — A cosinheira !...
 — Despediu-se ?
 — Não, mas declarou-me que se despedia se eu não a propuzesse socia do meu club de tennis.

(De Punch.)



O PATRÃO—Já te proibi que cantes, quando estás a trabalhar !
 O CREADO—Mas eu não estou a trabalhar, estou só a cantar.

(De Le Matin.)



— Que bom ! Que bom ! O tio Barnabé trouxe bolos, para os dois, e tu estás com dores de dentes !

(De L'Intransigent.)

Página Elegante



A contraditar a simplicidade da linha da «toilette», a moda recruta-se em espalhar pela maioria dos modelos os mais variados e caprichosos bordados... Mas como em se tratando da moda todos os paradoxos são admitidos, continuemos apregoando que o «mot d'ordre du chic» é a simplicidade e prossigamos recamando as nossas «toilettes» de bordados e aplicações. No capítulo bordados afirmase o mais completo ecletismo. Tudo se usa, tudo é elegante e moderno, tudo é bonito e artístico, enfim, desde que seja empregado com gosto, delicada originalidade e discreta arte.





AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A BI-
BLIOTECA DA
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS



ONDE SE CONVERSARA' COM OS
LEITORES A PROPOSITO DE TU-
DO E O MAIS QUE OCORRER.

CARTAS ESPIRITUAES, por Tomaz da Fonseca

O sr. Tomaz da Fonseca, prosador, poeta e pedagogo, é dos raros homens de letras que em Portugal neste momento se occupam de criticar a Igreja Catolica em varios dos seus aspectos. As suas *Cartas espirituais* dilas o autor «provocadas por um vago incremento de misticismo doentio», que, ainda no dizer do sr. Tomaz

da Fonseca, «tenta lançar, de novo, as almas nesse vespeiro assanhado que é, sempre, a questão religiosa...» Ao «incremento de misticismo» chamem outros «o despertar da fé». O sr. Tomaz da Fonseca faz obra de veemente combate. Estas *Cartas* occupam-se, em particular, de *A mulher e a Igreja*. Claro está que o autor vai ver acrescentada no *Index* a lista dos seus trabalhos, coisa que o não rala, mas que suscitará nas pessoas aditas ao catolicismo, e especialmente nas mulheres, que o poderiam ler e compreender.



Tomaz da Fonseca

der, uma forte animadversão contra o escritor e o livro. O restabelecimento das relações de Portugal com o Vaticano também é severamente criticado e combatido, do mesmo passo que cresce o numero de paizes que tem representação junto da Santa Sé, o que mostra não caber neste instante o predomínio ás i'eias expendidas pelo sr. Tomaz da Fonseca. A edição pertence á casa Chardon.

ARTE DE CONHECER MULHERES, por Luiz de Oliveira Guimarães

O sr. Luiz de Oliveira Guimarães, scintilante cronista das futilidades femininas e, apesar de muito novo, um mestre *blagueur* e um consumado artista em *bontades*, em historias alegres, quasi picantes, em maximas e em receitas de amor, trouxe á luz um volume intitulado *Arte de conhecer mulheres*. Nele se occupa, com a sua elegancia, arrojo e graça habituais, das bonitas, das magras, das postigas e das que tem bigode, das ciumentas, das virtuosas, das doentes, das fumadoras, etc.; nele ensina como se arranja um namoro, como elas se seguem, como elas se pintam; nele trata das mããs, das sogras, das amantes e das feministas... E mais não é mister mencionar para se fazer juizo da obra cuja extracção facilmente se prevê avuladissima, porque não faltará quem a leia... ás escondidas, visto que as mu.heres são as primeiras interes-

UMA ASPIRANTE A VETERINARIA.—Com certeza que tendo essa paixão por animaes faria muito bem em estudar veterinaria e poderia até ganhar bastante dinheiro com isso.—D.

JULIO VALFLOR.—A extensão do conto é incompativel com o espaço de que dispomos. Os versos, estão bem.

MARIO LYS.—Não pode, a nossa critica, ser de molde a satisfazel-o, visto os seus versos tão pouco nos satisfazem. E olhe que não pecamos por exigentes.—Mos uns com 9, outros com 10 e outros com 11 syllabas, é inadmissivel. Exemplos dos errad's:

Bordão nodoso e saco melo vasto
Dos homens o carinho arredo
Desde os beljos que te del a rlr

etc., etc.

ZÉ DO EIRADO.—O seu conto Amor Antigo nem se recomenda pelo assunto, nem pela forma. O episodio, em si, é banalissimo e os termos em que está descrito ainda o tornam menos interessante. A sua heroína não é a filha de filhos que peca, é por falta de vergonha... D'outra forma como se c.mprenderia que se entregasse ao amante, logo após o reencontro e ali mesmo, á janeta?... Porque parece que é á janeta?... Enfim... não tem correccção possivel.

ALZIRA.—Excelente. Serd tudo publicado.

B. B. (Lisboa).—Infelizmente a nossa aliás discutiavel competencia não nos permite ser tambem obsequiadores. Tudo quanto temos a dizer sobre o seu soneto é pouco: reprovado.

GULRAZ.—Aliás menos mal metrificado, o seu soneto falta a grandesa que o assunto exige. O vocabulo ratonner, s, sobretudo, d'stóa pelo ser plebeismo. Seguramente haveria melhor rima para guerrelhos. Depois o claro Egitio e o meu pobre (referindo-se ao imperio) denunciam deficiencias de versificação por demais transparentes. Faça melhor. Deve poder fazer.

ROMANTICA.—A Colecção de Romances Ilustrados editada pelo seculo conta, já publicados, 8 romances, sendo os seus titulos e autores os seguintes: O Arco de Sant'Ana, de Almeida Garrett; Carmen e Natollos e Hugonotos, de Prosper Mérimée; Cadeta de crimes, de Gul Thorne; O homem da orelha quebra'la, de Edmont About; Quod vadis?, de Henrick Sienkiewicz; A Religiosa, de Diueroi; e N tochik, de Dostoevski.

Prestes a ser publicado está o Gil Blas de Sant'Ilana, de La Sage, e quanto ao Os ultimos dias de Pompela, a que V. Ex.^a se refere, serd o que immediatamente se lhe seguirá.

Como vê fomos ao encontro dos desejos de V. Ex.^a... mesmo antes de os conhecer.

O preço de cada romance desta Colecção é apenas 50 centavos.

sadas em saber o que pensam delas e como as inter pretam... O sr. Luiz de Oliveira Guimarães acaba grandes progressos neste volume sobre o anteriormente publicado. Edição da Lusitania Editora. Capa de Bernardo Marques.

A. de A.



HISTORIA SEM PALAVRAS





ESFINGIA



Quarta, terceira, sexta e terça,
Setima e til ultimando,
Depois sexta, quinta e quarta,
Terça e setima fechando,
Temos barco e temos rede,
Já podemos ir pescando.

Quinta, primeira e terceira,
E' galão não distintivo.
Primeira, segunda e setima
O faz um recém-nascido.
Unindo quinta á segunda
Grito dum ente dorido.

E já basta. Uma palavra
Que tantas coisas exprime,
Se qualquer dos meus colegas
A decifra-la se exime,
Pode dizer-se: Cometeo
Uma falta, um grande crime.

Beja

Sor-Fer

Decifrações das produções publicadas no numero transacto :

Enigmas: Carmo—Pescoco—Milherand.
Enigma pitoresco: Santos de casa, não fazem milagres.
Charadas em frase: Serviço—Sadias—Falacha—Batavia.
Logogrifo: Tu não sofres passarinho.

ENIGMAS

(A' memoria de Bismarck)

Esta palavra em questão,
Sem vir no auxilliar,
Em qualquer dicionarío,
A poderéis encontrar.

Tem ao todo, sete letras,
Sete letras, nada mais,
Consoantes, sendo quatro,
E as outras tres, vogaes.

Se depois das tres primeiras,
Põe a do fim por seu turno,
Com certeza encontrará,
D'uma arvore o alburno.

Porém, se acaso á primeira,
Juntar as tres do final,
Encontrará certamente,
Um liquido universal.

E se ainda ás tres primeiras,
A segunda lhes juntar,
O conceito, eu lhes juro,
No pinho irá encontrar.

Mas se juntar ás primeiras,
As duas do fim, vossencia
Encontrará velho habito,
De se fazer penitencia.

Quarta, segunda, mais sexta,
Co'a do fim, juntas, veria,
Um Deus que é muito adorado,
Entre os da Mitologia.

E o todo d'esta palavra,
P'ra o feminino mudado,
Dá-nos para se entreter,
Instrumento apreclado.

Finalmente, o seu conceito,
Sem dar mais explicação,
E' d'uma costa estrangeira,
Beu pequena embarcação.

Viana do Castelo

Jorge

(S. C. V.)

(A «Catita», autor do Enigma «Colchão», publicado no n.º 918 da Illustração Portuguesa)

Tem meu todo sete letras
Sem nenhuma ser igual,
São só três as consoantes,
Terminando por vogal.
E verão que sendo exdruxulo
E' tambem original.

Se á prima, segunda e quinta
Juntarem a derradeira,
Encontram quem queira te-la,
Quem a tenha verdadeira,
E quem se veja forçado
A mostra-la a vida inteira.

CHARADAS EM VERSO

(Dedicada ao illustre colega «Do 16»)

Anlesto Vaz Grainha,
Distinto cirurgião,
Era, em doenças da espinha,
Um anjo de salvação...

Cosmimentos de farinha—
Ou plantas do hervanario,
Eram para os seus doentes,
O melhor receptuario.

Ao tribunal foi um dia—
Responder, por um aborto,
Que fez, em nota invertida—
N'esta alameda do Porto.

Luz do Mar

Vou confessar francamente,
Vejam lá que fantasia!
Que pensei um certo dia—
Ser ainda presidente.

Foi um sonho, uma illusão;
Mas ás vezes sem querer,
Tudo pode acontecer,
E' questão de occasião—!

No que possa succeder,
Não penso mais um segundo,
Porque tudo neste mundo
Pode ser, poder não ser.

Porto

Zartta

QUADRO DE HONRA

Dama Oculta—Dr. Rabaneta—
Sant'ana—Pam—Dr. Essejê—
Violeta—Ordisi—Gira Grão—
N. N.—Dr. Pirilau—Club do
Silencio—Luz do Mar—Do 6—
Tia Aldina—Funtio C. Silvei—
A. Tavares—Os tres T. T. T.—
Adiracram—Paulo & Virginia—
Gill Vaz—Capitão Silva—Ser-
rot—Lucia Lima—Pinta sce-
nas—Sorrab—Um Braguense—
Zé Costa—Sednoref.

Campeões decifradores dope-
nultimo numero.

CHARADAS EM FRASE

Vae para cima, que encontras o animal, preso com um laço, por um homem arrogante—2-1-1.

Mesão Frto

Zé Maráu

O homem que tiver esta nota... é trante.—3-1.

Gira Arão

Dei pancada na Albina, por me haver sujado a veste—2-1.

Barquinha

Orietnom

LOGOGRIFO

(Sobre o belo «Soneto intimo» do consagrado poeta brasileiro D. Luis Guimardes Filho, e publicado no Século de 3-11-923)

Luz minha! amiga minha! Amada minha!—33-37-12-36-39.
Teus lábios são dois favos de ternural—1-20-27-28-29-30-26
O teu falar é doce e a noite escura—14
—15-16-17-1-11-4-21-9.
Na sombra dos teus olhos se adivinha!—10-2-34-25-8.

E' o lirio do vale! A flor mais pura—28-35-5-12-15-18-25-8.
Da terra! Sulamita, ai não, tinha—22
16-23-29-8-25-31.
Os teus airosoz passos de rainha
Nem a graça da tua formosura!—33-34
—33-2.

Humildes ficam perto do teu rosto—7—
6-23-12-13-40.
os róseos frutos de infavel gósto!—15
—18-1-20-29-25-31-19-4-8.
E teu nome, oh divina melodia!—12-8—
16-15-24-33-8.

Oh musica de amor e de alegria!—7—
15-32-25-20.
Teu nome, que em minh'alma resplandece,
O Cantico dos Canticos parece...

Porto

Dr. Essejê

Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas na Illustração Portuguesa as decifrações das produções inseridas n'este numero —Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser enviada ao Século e endereçada a José Pedro do Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o direito de não publicar produções que julgue imperfeitas.

—Só é conferido o Quadro de Honra a quem envie todas as decifrações exatas, que deverão ser entregues até cinco dias após a saída d'este numero. As 10 horas na sucursal do Roclo

—Todas as produções devem vir escritas em separado e os enigmas pitorescos bem desenhados em papel liso e tincta da China

—Os originaes, quer sejam ou não publicados, não se restituem.